



# AFINAL, QUAL A MELHOR ESTRATÉGIA PARA A MINHA FAZENDA?

ENCONTRO DA **SCOT CONSULTORIA** Foca no encurtamento do ciclo pecuário e traz a provocação: em terra de pecuarista, quem tem tecnologia é rei?

**JOÃO PAULO MONTEIRO, DE RIBEIRÃO PRETO (SP)**  
joao@ciasullieditores.com.br

**H**oje, por meio dos drones, o produtor monitora a fazenda mesmo à distância. Sensores captam os principais dados da propriedade. Dispositivos eletrônicos compilam as informações e tecem projeções. Isso além da ampla variedade de aditivos nutricionais, moléculas, balanças eletrônicas, entre outros.

Inovações e novas tecnologias chegam ao mercado praticamente a cada dia. Isso é fato. Com isso, ao longo dos últimos anos, um crescimento de produtividade foi constatado, contudo, não refletiu em uma melhoria do resultado econômico. “Pelo contrário, os resultados médios pioraram”, confirma Antônio Chaker, consultor e coordenador do Instituto Integra Métricas Agropecuárias.

Diante disto, fica no ar um questionamento: A tecnologia está aí, mas, diante de tanta novidade, o que, de fato, traz resultado para o negócio?

Antônio Chaker nos ajuda a responder, exemplificando com a prática do confinamento. “Vive-

mos sistematicamente nos perguntando qual é a melhor forma de fazer, afinal temos incontáveis formas para se terminar um boi”, inicia.

Então, como elaborar a melhor estratégia de produção neste caso? “A grande leitura é que a tecnologia é meio, não é fim. Cada um precisa entender o que é melhor para sua empresa, naquele determinado momento”, confirma.

Isso envolve o respeito à cultura, à política e ao tamanho da fazenda. “Devemos nos questionar. ‘Isso é pra mim?’”, pontua Chaker e reforça a necessidade de uma mão de obra capacitada e motivada: “É preciso ter sempre 100% de acerto na execução”.

Essa autoanálise é de grande relevância, pois, no fim, o que realmente importa é a lucratividade. “Produtividade é produzir mais usando menos. E é preciso entender que não se trata da produção absoluta, mas sim uma relação entre a produção e os recursos empregados. Inclusive, o dinheiro”, analisa o consultor.

Neste panorama, é preciso também desta-

car outro tipo de tecnologia, aquela sem uma relação direta com as inovações nutricionais ou reprodutivas, nem mesmo informatização, eletrônica e robótica. “Um excelente aparte do rebanho é tecnologia, da mesma forma que uma pastagem bem manejada em ponto de engorda, ou currais e barracões limpos e organizados”, ilustra Chaker.

Então, neste cenário de alta tecnologia, é muito provável um resultado financeiro negativo diante dos altos custos de produção, mesmo que a produtividade seja elevada. “Quando a fazenda não dá lucro porque produz muito, mas gasta ainda mais, é preciso adotar uma outra estratégia, repensando todo o sistema de produção, podendo culminar, até mesmo, em uma desintensificação. Ou seja, abrir mão de determinadas tecnologias pode ser um caminho para o equilíbrio e uma boa margem”, discorre o consultor.

Então, é preciso deixar claro a existência de vários fatores responsáveis pelo re-





sultado, sendo alguns com maior necessidade de recursos financeiros e outros que não demandam um centavo sequer.

Segundo o engenheiro agrônomo Alcides Torres, o Scot, diretor da Scot Consultoria, é muito comum verificar um lucro por hectare entre R\$ 100 e 200. “O que é muito pouco”, afirma. E como o mercado pecuário é nivelado por cima, muitos produtores já se viram obrigados a sair da atividade.

A alternativa acaba sendo o arrendamento da fazenda para outras culturas, como a cana. Neste contexto, o grande problema é a quebra da continuidade. “Os descendentes deste fazendeiro deixarão de ser fazendeiros. Com isso, perdemos o maior patrimônio brasileiro e a riqueza da pecuária, que é a juventude”, lamenta Scot e sugere: “Precisamos manter vivo o interesse pelo campo, somente assim, como ocorre na Austrália e Nova Zelândia, o Brasil terá futuro como nação produtora”.

Estas foram algumas das discussões e pensamentos compartilhados durante os dias 2 e 5 de abril, em Ribeirão Preto, no Encontro de Confinamento e de Recriadores da Scot Consultoria. No total, participaram 1.354 profissionais, de 16 Estados, mais o Distrito Federal e representantes da Alemanha, África do Sul, Argentina, Bolívia, Estados Unidos, México e Paraguai.

Dentro deste seleto grupo de participantes, Scot destaca os técnicos oriundos do projeto Balde Cheio e o Bifequali, ambas iniciativas da Embrapa. “O Brasil já tem conhecimento técnico acumulado suficiente para alavancar o setor. O difícil é a transmissão para as massas. Convidamos, então, profissionais de programas robustos,



**“TECNOLOGIA É MEIO, NÃO É FIM”**

**ANTÔNIO CHAKER, CONSULTOR DO INSTITUTO INTEGRA**

responsáveis pelo árduo trabalho de transmissão de conhecimento e convencimento”.

**EFICIÊNCIA SEMPRE.** Diversos temas foram abordados no encontro, de cenário macroeconômico e político até questões técnicas da atividade, passando por análises dos mercados de insumos, dentre outros.

Todos de extrema importância, não há dúvidas. Questionado, porém, sobre o grande destaque do evento, Scot deixa claro: “Temos que pensar no nosso produto, o boi, antes mesmo de ele nascer. Somente assim será possível encurtar o ciclo. Esse é o principal recado”.

E, realmente, este tema esteve presente nos debates e conversas, principalmente du-



rante os *coffe breaks*.

Stefan Mihailov, presidente da Trouw Nutrition para a América Latina, por exemplo, acredita que a recria no País, em média, ainda é muito longa e é um desafio encurtá-la. “Nos EUA a recria não existe. E o Brasil, pelas características do país, ainda pode se dar ao luxo de ter esta etapa. Mas ela precisa ser encurtada”.

Para atingir tal objetivo, é preciso olhar para o início da produção, ou seja, não pensar apenas no bezerro após o nascimento, mas desde o momento da fecundação e também a gestação. “Antes de colocar toda uma estrutura em funcionamento, existe uma série de cuidados a serem tomados, desde o acasalamento”, discorre Scot, e completa: “O nosso esforço é diminuir o ciclo pecuário, para isso, o feto precisa ter as melhores condições para se desenvolver. Então, cada vez é mais importante o período intrauterino”.

Sem a devida atenção, os bezerras ►

**“TEMOS QUE PENSAR NO BOI ANTES MESMO DE ELE NASCER. SÓ ASSIM ENCURTAREMOS O CICLO”, ACREDITA ALCIDES TORRES**





poderão desenvolver hábitos “poupadores”, como explica o professor da Universidade Federal de Lavras, Mateus Pies Gionbelli.

Em um ambiente de escassez de nutrientes para as mães, no momento da gestação, as crias serão programadas, ainda na fase intrauterina, a viver neste ambiente de carência. “A maneira mais inteligente encontrada pela natureza para este animal poupar energia é por meio da redução da massa muscular, não o deixando expressar todo o seu potencial, visto que a formação do tecido muscular é uma das maiores utilizadoras de energia”.

O resultado é um só, conclui Mateus: “Um animal com menor potencial para a pecuária de corte”. Para reverter a situação é preciso compreender a pecuária como uma cadeia cíclica. “Quanto mais cuidado com a nutrição da vaca durante a gestação, principalmente na época da seca, melhores serão os resultados. E de maneira imediata. Esta vaca produzirá mais e melhores bezerros ao longo do ciclo reprodutivo dela”, informa.

Então, durante a palestra, Mateus reforçou aos pecuaristas presentes a necessidade de se prestar cada vez mais atenção à nutrição da vaca durante a gestação. “Em todas as etapas”, reforça e argumenta: “Muitas vezes o produtor não dá a devida atenção, pois os resultados deste investimento não são imediatos e visíveis a olho nu. Na verdade, os ganhos são pulverizados em diversos pontos do ciclo produtivo, desde um melhor índice de prenhez da vaca, até mesmo um bezerro mais eficiente no ganho de peso”.

Dando continuidade às apresentações, o médico veterinário Reinaldo Cooke, professor da Universidade do Texas, corroborou a importância desta atenção durante a gestação citando os impactos no decorrer da vida do bezerro.

**A EQUIPE  
DA SCOT  
CONSULTORIA,  
RESPONSÁVEL  
PELO EVENTO**



“Para maximizar a capacidade do animal de produzir carne de forma eficiente, ele precisa estar sempre ganhando peso. Quando há ganhos seguidos de perdas, o organismo deste animal ‘desaprende’ como ser eficiente”, indica o especialista, e completa: “Este ‘ganha e perde’ é altamente prejudicial para a eficiência do animal, para o organismo e para a indústria como um todo”.

Este fenômeno ocorre no País, pois a fase de recria ainda é, de certa forma, negligenciada, sendo realizada basicamente em regime de pasto com pouco ou nenhum uso de tecnologias. Expostos à sazonalidade da produção de forragens, os animais não atingem os níveis de produtividade esperados. Neste ambiente, como afirmou Reinaldo, todos perdem.

Uma forma de tentar reverter a situação, mantendo ganhos de forma constante, é por meio da recria intensiva. Com vasta experiência nos Estados Unidos, onde a prática já é corriqueira, Reinaldo expõe: “É muito fácil soltar o animal no pasto e após dois ou três anos mandar para o confinamento”.

Como realça, a manutenção dos níveis adequados de desempenho e produtividade somente é possível com o uso de suplementação e aditivos, manejo de pasto adequado e melhoria genética.

Desta forma, um animal bem recriado é sinônimo de uma carcaça de qualidade, a qual atenderá os padrões dos mais exigentes mercados internacionais. Então, pensando em um país como o Brasil, exportador, a recria intensiva se apresenta como uma ferramenta indispensável. “Se o produtor errar na recria, não é possível arrumar na terminação”, alerta.

Como todo sistema intensivo, a recria realizada nestes moldes exige certos cuidados. A atenção às doenças respiratórias é um deles. “Este é o principal gargalo da pecuária norte-americana, de longe”, in-



O PRODUTOR PRECISA PRESTAR ATENÇÃO NO AMBIENTE DA VACA DURANTE A GESTAÇÃO, SUGERE **MATEUS GIONBELLI**, DA UFLA

forma Reinaldo e complementa: “E não apenas devido à mortalidade, mas também pelo custo do tratamento e a perda de produtividade do animal”.

Assim, o professor da Universidade do Texas detalhou o problema em sua apresentação durante o Encontro de Recriadores. “Entre oito e dez meses de vida há uma alta incidência de enfermidades respiratórias nos bovinos, devido à queda de imunidade, muito por conta do estresse que o animal passa em um curto intervalo de tempo, com desmama, transporte, contato com outros animais e nova dieta”, explana.

Então, como a prática ainda é incipiente no Brasil, os produtores podem partir para a intensificação já com conhecimento acerca dos acertos e erros nos EUA. “Temos a oportunidade de estar um passo à frente. Entendemos a doença e somos capazes de prevenir altas incidências, como ocorre hoje nos EUA, por meio de um plano de ação para mitigar o problema”, conclui Reinaldo. ■



DOENÇAS RESPIRATÓRIAS SÃO O PRINCIPAL GARGALO NOS EUA DA RECRIA INTENSIVA, INFORMA **REINALDO COOKE**, DA UNIVERSIDADE DO TEXAS